

A oposição tem cara de Argentina

BRASÍLIA - No quarto andar do Palácio do Planalto, um piso acima do gabinete de Fernando Henrique Cardoso, o secretário-geral da Presidência da República, Arthur Virgílio Neto, trabalha, literalmente, de olho no Congresso. O prédio do Legislativo domina a visão de quem entra na sala. Surge como um quadro emoldurado pela enorme janela envidraçada. O Congresso, contudo, não é apenas uma visão no gabinete de Virgílio. O som do plenário enche o ambiente vindo do aparelho de televisão, permanentemente ligado, ora no canal da Câmara, ora no do Senado. O ambiente expressa o tamanho exato da preocupação diária do secretário-geral e do trabalho que desempenha para o chefe. No Planalto, assim como agia como parlamentar na Câmara e líder do governo no Congresso, Virgílio controla a base governista, aliados nem sempre fiéis. E tenta antecipar os passos da oposição contra matérias de interesse do Executivo. Dedicar-se com afinco à missão. Não lhe falta disposição para o trabalho. Em dias de votações importantes, o secretário che-

ga a conceder mais de 15 audiências a deputados e senadores, isoladamente ou em grupos. Da formação jurídica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arthur Virgílio Neto, 56 anos, trouxe para a política a oratória inflamada. O dom já lhe valeu alguns bate-bocas em plenário com a oposição. Conquista espaço com a inesgotável capacidade para produzir frases de efeito. "Temos que fazer um strip-tease cívico", receitou recentemente ao propor que os candidatos à sucessão presidencial antecipassem as plataformas de governo ao eleitorado num amplo debate nacional. Para defender o governo e o presidente, Virgílio não poupa brigas, palavras e nem parceiros do Mercosul. "Não somos a Argentina, temos de evitar a comparação, mostrar nossas diferenças", diz para enaltecer a estabilidade econômica brasileira, que atribui a Fernando Henrique. Nessa frase o secretário-geral mostra o quanto está identificado com o novo cargo e distante da profissão que um dia abraçou - diplomata de carreira, formado pelo Instituto Rio Branco.

Lindauro Gomes - 3/1/2002

OLÍMPIO CRUZ NETO E
CARMEM KOZAK

- Há um mês a ante-sala de seu gabinete está lotada de parlamentares negociando liberação de verbas. É pelo orçamento que o governo quer manter unida a base aliada?

- Estamos liberando emendas do Orçamento que foram bloqueadas para atingir as metas com o FMI. No ano passado, a expectativa em relação ao Brasil piorou. A crise da Argentina se agravou e surgiu a crise de energia. Com a alta do dólar, o Brasil se acertou com o FMI e teve que bloquear recursos. Mas a economia reagiu melhor do que qualquer pessimista pudesse supor. A arrecadação aumentou, fechamos o ano com superávit e pudemos liberar as verbas.

- Dá para atender interesses da base e a pretensão do presidente de dar ênfase às ações sociais em 2002 sem ser acusado de fazer uso eleitoral de recursos públicos?

- Dá. Vamos votar neste semestre a greve no serviço público. Não deixaremos de fazer nada ou votar nada porque é ano eleitoral. O Brasil está maduro. Já entende a diferença entre o governo De la Rúa e o nosso. Essa desgraça que se abateu sobre a Argentina teve o condão de abrir os olhos dos brasileiros. O país atingiu as metas de austeridade e, no ano passado, sobrou dinheiro bastante para investir.

- Em 2002, a campanha eleitoral, mais uma vez, ficará atrelada às questões econômicas?

- É bom deixar clara a visão do governo, a do presidente. Resolvemos a questão do déficit público, saímos da armadilha cambial e, com isso, passamos a ser vistos como um país que se esforça para crescer com maturidade. Pagamos até com a popularidade para melhorar nosso conceito no mercado internacional. Pretendemos ficar parecidos com a Rússia que até há pouco tempo era definida como uma bagunça só e, agora, é tida como uma nação vitoriosa. Não queríamos que confundissem nossas qualidades com as da Argentina - o que seria bom demais. E, muito menos, que confundissem nossos defeitos com os da Argentina - o que seria ruim demais. Se acham que somos a Argentina, a vida fica mais difícil para nós.

- O Brasil não corre o risco de ser a Argentina amanhã?

- Não mesmo. Em condições normais de temperatura e pressão, será possível um superávit de US\$ 5 bilhões este ano na balança comercial. O Brasil fechará tranquilamente as contas no último ano de mandato do presidente Fernando Henrique.

"Não queríamos que confundissem nossas qualidades e, muito menos, nossos defeitos com os da Argentina. A vida fica mais difícil para nós."

- Essa é a matemática que o governo apresentará aos aliados para convencê-los a apoiar o candidato tucano à sucessão do presidente?

- Vamos separar as coisas. O presidente diz o seguinte: "Se o nosso governo ficar forte, temos chance de uma candidatura vitoriosa". Nunca se condicionou que o candidato seja tucano. O presidente quer que o projeto de sua administração continue. Foi por ele que se bateu e obteve a reeleição. Tememos a falta de consistência macroeconômica dos candidatos já conhecidos.

- Quais candidatos?

- Praticamente todos. O nosso amigo Ciro Gomes (PPS), por exemplo, foi de uma originalidade digna de concurso de fantasia. Meu Deus! Ele disse: "Sumi porque queria ver o Serra brigar com a Roseana". Ora, uma pessoa que faz análise econômica sumiu justamente depois da crise da



"Está na hora de o PSDB fazer algo, de botar pra quebrar", diz Arthur Virgílio ao defender a candidatura de Serra

Argentina? Sumiu e não comenta se os juros devem baixar ou subir? Na verdade, ele nos deixou tomar as decisões sozinho e nem criticou.

- O Lula também?

- O Lula deu uma declaração infelicíssima, embora o Duda (o marqueteiro da campanha petista, Duda Mendonça) tentasse detê-lo. Disse que o FMI espoliou o povo argentino e por isso os saques eram justificáveis. Sabemos que o Lula é uma pessoa honrada. Queremos que escape ileso da discussão sobre a casa de quem ele passou o réveillon (em Búzios, na casa de praia do empresário Mauro Dutra, que tem contratos com governos do PT). O Lula é um homem de bem, é imune a festeja o Ano Novo na casa de qualquer pessoa. Só não quero que ele vire um só ano no Alvorada como anfitrião.

- Uma mulher pode ser anfitriã no Palácio do Alvorada?

- Mais dia menos dia... (risos). Não tenho preconceito quanto a esse sexo fortíssimo. Debates, pesquisas e eleitores vão dizer quem irá para lá.

- PSDB, PMDB e PFL vão para as eleições de outubro com candidato único ou separados?

- Insistimos que o melhor é candidato único. O povo vai julgar maduramente se quer a certeza desse governo ou se quer dar outros mergulhos, mesmo que obscuros. Se não tivermos candidatura única, precisamos de um pacto de não agressão para que uma aliança no segundo turno não seja desmoralizada pelo povo ao se perguntar: "Eles se atacam e depois se juntam? Que gente é essa?"

- Então o adversário do ministro Serra não é a governadora Roseana?

- Claro que não. A união pode acontecer.

- A crise da Argentina serve de argumento para a candidatura única?

- Depois do réveillon, fui com a família para uma praia semideserta. Encontrei lá um conhecido. Ele comentou: "Esse Fernando nasceu para a Lua. Esse negócio da Argentina parece que aconteceu de propósito". Do outro lado, um amigo dele provocou: "Fala mal do Fernando Henrique agora, fala". Contei esse diálogo para o presidente e ele morreu de rir. Não esqueçamos que achavam balela investir no social. Nunca se viu rede de proteção tão

forte quanto a montada neste governo.

- Isso aumenta o cacife de Serra em relação a Roseana?

- As duas candidaturas são fortes. A governadora está indo bem, isso ficou claro. Mas começo a notar um aumento da simpatia da população pelo ministro José Serra. É um candidato que precisa ser encarado com seriedade. Tem sido excelente ministro. O José Anibal (presidente nacional do PSDB) já avisou que vai colocar o pé na estrada. Eu e o senador Teotônio Vilela Filho (AL) estamos pedindo aos dirigentes dos diretórios regionais que ocupem programas de rádio, jornais e televisões locais para falar do Serra. Está na hora de o PSDB fazer algo compatível com a sua coerência. É botar para quebrar.

- A candidatura Serra é irreversível?

- Não podemos mais deixar passar o tempo porque, com legitimidade, o PFL patrocinou a Roseana. Meu ideal é que somemos os índices altos. Eu não torço para a Roseana cair. Torço para o Serra subir e, depois, para que os dois se somem em torno de um. Temos de fazer nossa parte e o Serra tem de fazer a dele.

- Então a campanha já começou?

- Vamos divulgar o nosso candidato. O Serra está muito bem preparado, informado. Não é candidato que possa ser jogado fora. Mas, agora, o que interessa ao governo é manter a governabilidade. Se não a mantivermos, complicaremos a campanha da Roseana, do Serra ou de quem for o escolhido dos aliados.

- Quais as prioridades do governo agora no Congresso?

- Primeiro, o Orçamento. Créditos para o funcionamento da máquina. E projetos como a lei das falências, da greve e do fundo de previdência dos funcionários públicos e, quem sabe, a reforma política. Poderíamos aproveitar o semestre para aprovar mudanças que só se dariam gradualmente em eleições futuras. Quais mudanças? Por que não o parlamentarismo, por exemplo? Poderíamos estabelecer um período de transição até chegarmos a ele, talvez de duas a três eleições. Mas podemos discutir desde agora.

- Reforma tributária nem pensar?

- É um tema complexo. Não se encontrou uma fórmula para satisfazer todos os setores políticos.

- Nem o próprio governo.

- Temos um problema de curto prazo a resolver, aumentar a receita. Como, na condição de ministro, posso me furtar a falar de eleição se existe um projeto que pode nos levar à breca se brincarmos de De la Rúa por aqui.

- Quem é o De La Rúa brasileiro?

- Qualquer um que não acredite que o ajuste fiscal é uma Bíblia. Que inflação, mesmo que pouca, faz mal sim.

- Quem pensa assim?

- Esses que estão por aí muito caladinhos, muito tímidos.

- O senhor já incluiu no rol dos caladinhos o Lula e o Ciro. O governador Anthony Garotinho também?

- Eu queria o Garotinho, o Lula e o Ciro falando mais sobre economia. Aí vamos saber se são bons ou pegá-los nas contradições. Parece que há um consenso dos marqueteiros para que nenhum fale sobre o tema.

- Roseana também não tem falado muito.

- A Roseana trabalha no espírito das reformas. Insisto, espero que os candidatos falem. Se não, deixamos tudo na nossa mão. E não ouvi nenhum dizendo "não temos nada contra a estabilidade" ou "somos contra a estabilidade".

- A oposição não teria aprendido a lição de 1994 quando se opôs ao Real e perdeu a eleição? Pelo menos agora, quando se agravou a crise Argentina, concordou logo em votar o Orçamento.

- Sim, sim. Mas é para essa oposição, que precisa que a Argentina vire do avesso para votar o Orçamento, que desejamos entregar o poder?

- A Argentina será cabo eleitoral nessa campanha?

- É uma enorme vitrine para se perceber o acerto da reeleição de Fernando Henrique e o risco que se corre agora caso outro candidato, que não o do governo, vença a disputa.

"Não torço para Roseana cair. Torço para Serra subir e, depois, para que os dois se somem em torno de um. Temos de fazer a nossa parte, e Serra a dele."